

Federação Internacional das Universidades Católicas

50 anos
após o Concílio Vaticano II
Teólogos do mundo deliberam

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA
LISBOA 2016

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS UNIVERSIDADES CATÓLICAS (FIUC)

Pedro Rubens FERREIRA OLIVEIRA, Presidente da FIUC.

Guy-Réal THIVIERGE, Secretário-geral da FIUC, Diretor do CCR.

Montserrat ALOM, Responsável de Projetos do CCR-FIUC.

COMITÉ CIENTÍFICO

Mathijs LAMBERIGTS, Reitor da Faculdade de Teologia e de Ciências Religiosas da KU Leuven, Bélgica.

Gilles ROUTHIER, Reitor da Faculdade de Teologia e de Ciências Religiosas da Universidade Laval, Québec, Canadá.

Pedro Rubens FERREIRA OLIVEIRA, Reitor da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil.

Christoph THEOBALD, Professor nas Faculdades Jesuítas de Paris – Centre Sèvres, Redator-chefe da revista *Recherches de science religieuse*.

Dries BOSSCHAERT, Assistente Científico do Projeto, Doutorando do FWO na Faculdade de Teologia e de Ciências Religiosas da KU Leuven, Bélgica.

COMITÉ DE ACOMPANHAMENTO

Valérie LE CHEVALIER, Responsável pelo secretariado da revista *Recherches de science religieuse*.

Erwan CHAUTY, Doutorando em Teologia, Faculdades Jesuítas de Paris – Centre Sèvres.

Anderson PEDROSO, Doutorando em Teologia, Faculdades Jesuítas de Paris – Centre Sèvres.

Francys SILVESTRINI ADÃO, Doutorando em Teologia, Faculdades Jesuítas de Paris – Centre Sèvres.

TRADUTOR DOS TEXTOS 2, 3 e 4 PARA O FRANCÊS

Jean-François LAPIERRE

INTRODUÇÃO

Motivos, espírito e história do projeto

Ao aproximar-se o cinquentenário do Concílio Vaticano II, um pequeno grupo de teólogos reuniu-se com a convicção de que, para fazer memória desse acontecimento, não era mais possível contentar-se com congressos teológicos de tipo clássico, aliás necessários e muito úteis, e com celebrações eclesiais de ação de graças em nome do povo de Deus. Não se poderia deixar passar esse «momento» privilegiado da nossa história sem retornar ao próprio *processo de deliberação eclesial* do qual se conhecem as dimensões excepcionais. Se, naquela ocasião, as universidades e faculdades de teologia já haviam sido implicadas na vasta pesquisa antepreparatória, os teólogos, biblistas e canonistas encontraram progressivamente o seu lugar no seio das comissões conciliares, graças à confiança que os bispos geralmente lhes demonstravam. A redação dos documentos, verdadeiro trabalho de inteligência coletiva, teria sido inconcebível sem as equipas internacionais e pluridisciplinares que eles formavam. Foi nesses «laboratórios» que continuou a tomar forma a renovação da teologia iniciada antes do Vaticano II e levada adiante nos 50 anos que se seguiram.

O que foi feito, então, em pouco tempo, não traz em si – como uma utopia – a promessa de um trabalho comum no seio da comunidade científica formada de teólogas e teólogos

de horizontes culturais diferentes e pertencendo a diversas «escolas»? Tal trabalho seria, evidentemente, baseado na competência universitária de todos, mas exigiria também – visto tratar-se do futuro da Igreja e das Igrejas num mundo globalizado – capacidade de ponderação ao mesmo tempo comum e pluricultural das questões conjunturais, capacidade impensável sem tempos de verdadeira deliberação. Desde o primeiro encontro do nosso grupo ficou claro, no entanto, que, se o Concílio Vaticano II foi a expressão suprema da deliberação do *magistério pastoral* da Igreja, um processo de inteligência coletiva entre teólogos, historiadores, biblistas, canonistas e sociólogos, à imagem do que se passou antes e durante os quatro períodos conciliares, era de outra ordem. Mesmo assim, impunha-se colocar a questão urgente do posicionamento específico do *magisterium*, que é o da comunidade teológica na Igreja.

Tomar consciência de que essa promessa era um desejo presente em muitos de nós, era já começar a testar pistas de uma eventual realização. Em 11 de dezembro de 2012, foi constituído um Comité Científico e colocámo-nos sob o patrocínio da *Federação Internacional das Universidades Católicas*, a FIUC, com sede em Paris e representando uma rede de 215 universidades nos cinco continentes. Antes de retomar brevemente as diferentes etapas do processo de pesquisa internacional, então iniciado, convém reconhecer os inevitáveis ensaios e erros que o acompanharam, sem falar da inquietante questão de saber se a convicção de fundo e o desejo que habitava em nós encontrariam eco e seriam partilhados dentro de uma comunidade científica cada vez mais internacionalizada, diversificada e, além disso, sobrecarregada de preocupações locais. À medida que avançávamos, era preciso renovar, a cada

etapa, a confiança no acerto da proposição; confiança tanto mais necessária quanto tal empresa seria irrealizável sem o apoio que devíamos solicitar junto dos patrocinadores.

O projeto passou por três etapas decisivas, antes de chegar ao colóquio de Paris, que, neste ano do aniversário do encerramento do Concílio, representa o seu fim, talvez provisório e portador de um outro futuro.

1. Durante o primeiro *encontro* do Comité Científico, várias decisões foram tomadas e progressivamente realizadas.

1.1. Primeiro, era necessário escolher para esse programa de pesquisa internacional um título que levasse em conta as duas disciplinas maiores implicadas no nosso questionário, a história e a teologia; daí a formulação, por sinal detalhada em fase ulterior: *Vaticano II: acontecimento histórico – problemática para hoje*. Tendo consciência do carácter conflituoso das diferentes fases de receção do Concílio, tratava-se de verificar se as fraturas se tinham deslocado e, sobretudo, como ultrapassar uma série de falsas oposições e testar honestamente as possibilidades de encontrar, no acontecimento e no *corpus* conciliar, recursos para viver o presente da Igreja nas sociedades de hoje.

1.2. Tendo definido o título, explicitamo-lo em cinco temáticas:

- 1) *Designar o tempo presente*

Malgrado não poucas reservas, o Vaticano II apoia-se sobre uma visão relativamente positiva das mutações que marcavam o mundo daquela época. Por isso, antes de mais nada, é preciso considerar as mudanças de contextos (político, económico, cultural, eclesial) e as mutações de fundo que intervieram

desde o Concílio: a que discernimento do «momento presente» somos chamados hoje (GS 4 a 10)? Quais as consequências para o anúncio da fé e para a edificação da Igreja, etc.?

2) *O serviço da teologia hoje*

A contribuição dos teólogos foi um traço característico do Concílio Vaticano II. 50 anos mais tarde, é preciso refletir de novo sobre o papel dos teólogos numa situação que se modificou profundamente. Que transformações o Vaticano II produziu nas faculdades de teologia, na organização das disciplinas teológicas e no ensino da teologia? Para a fecundidade do serviço da teologia na Igreja e na sociedade, que contribuição e que espaço de criatividade pode-se desejar e ter em vista?

3) *O encontro do Evangelho e da Igreja com o mundo e a cultura*

Não obstante debates às vezes bem animados, o Vaticano II chegou a consensos bastante amplos. Havia, no Vaticano II, uma visão de fundo compartilhada, e até uma mesma cultura na maioria dos teólogos. Quais os avanços a contar desde 1965, no que se refere às relações da Igreja católica com outros componentes, religiosos ou não, das nossas sociedades, em termos da antropologia, do relacionamento com a criação, etc. Qual o consenso a apoiar-se hoje?

4) *O Vaticano II como «bússola» para a Igreja do século XXI*

Os consensos de fundo, em que pese a diversidade das sensibilidades, parecem ter cedido o lugar a divisões quanto à importância a ser atribuída hoje ao Vaticano II e quanto ao seu lugar na história do pensamento e das nossas sociedades. Que importância dar hoje ao Vaticano II e que papel pode ele

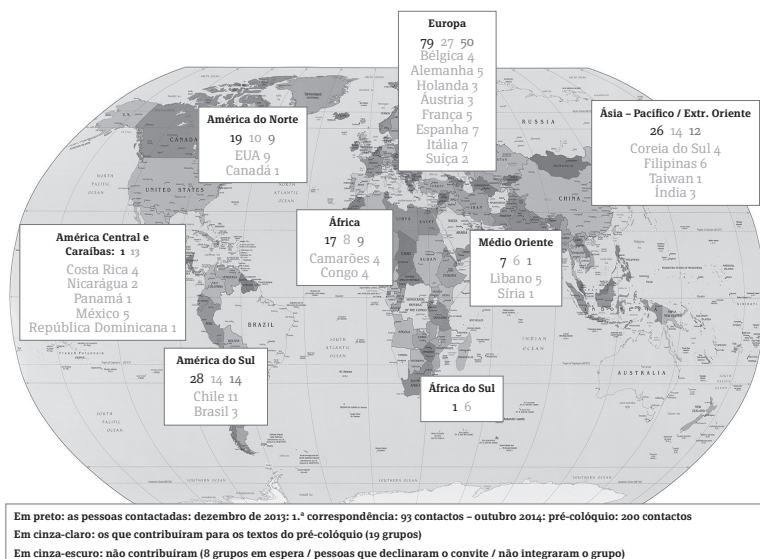
desempenhar na renovação da Igreja? Como superar uma série de falsas oposições que paralisam a Igreja?

5) *As urgências atuais para a Igreja*

A expressão da doutrina de modo pastoral, a reforma (*renovatio, reformatio*) na Igreja (o *aggiornamento*) e a unidade dos cristãos eram sentidas como urgências por ocasião do Concílio Vaticano II. João XXIII chegou a inscrever essas realidades entre as finalidades do Concílio. Tais urgências, o que se tornaram hoje? Quais são as urgências de hoje?

1.3. Uma terceira decisão do Comité Científico foi então determinar o círculo, que aliás permaneceu aberto até ao fim do processo, daquelas e daqueles que era necessário solicitar para constituir equipas de pesquisa que elaborassem uma resposta coletiva a uma das cinco questões. Se, num primeiro momento, pensávamos principalmente em pesquisadores interessados diretamente pelo Vaticano II, alargamos, em seguida, o círculo a pensadores para quem o Vaticano II é uma fonte, pressupondo sempre uma cultura de base comum quanto ao conhecimento do Concílio e aos problemas de interpretação que ele coloca. De facto, ficou cada vez mais claro que, para não poucos teólogos e teólogas do hemisfério sul (para falar mais globalmente), o Vaticano II representa o último Concílio euro-atlântico; o que resulta evidentemente numa relação diferente com esse acontecimento e com o seu *corpus* textual. Entre dezembro de 2013 e agosto de 2014, cerca de duzentas pessoas foram contactadas; dessas, umas cem agruparam-se em equipas, cada qual sob a presidência de um responsável designado pelo Comité Científico, e redigiram vinte textos, cada um com cerca de quinze páginas, refe-

rindo-se a pontos de consenso na equipa, pontos de controvérsia e *quaestiones* a serem aprofundadas.



2. A nova fase do processo começou durante o segundo encontro do Comité Científico, em 2 de junho de 2014. O objetivo era a preparação de um pré-colóquio que se reuniu nos dias 21 e 22 de outubro de 2014, em Paris, com a dupla tarefa de tomar conhecimento dos vinte textos e de preparar, sobre essa base, o colóquio de 2015. Por razões orçamentais e de eficácia, o número dos participantes foi limitado (10 pessoas convidadas, entre os 19 chefes de equipas internacionais, os três reitores das faculdades de teologia católicas de Paris e o Comité Científico). Em clima fraterno, marcado desde o começo pela invocação ao Espírito Santo, o primeiro dia foi consagrado ao exame dos vinte textos, graças ao *relationes* preparados

pelos cinco encarregados de sínteses e a debates cada vez mais sensíveis às relações transversais entre os textos. O segundo dia teve por objetivo reformular e reordenar as questões e formar cinco novas equipas, desta vez *intercontinentais*, que, com base nos vinte textos preparatórios e nas discussões em pré-colóquio, tiveram por tarefa propor cinco textos que forneceram o material do colóquio final em abril de 2015.

2.1. Foi nessa etapa do processo que o título inicial escolhido tornou-se preciso, para dar conta do eixo maior das nossas deliberações, centradas – não sem registar os primeiros efeitos do novo pontificado – no *Evangelho sob o risco das culturas*.

2.2. A reformulação das questões é também o sinal da consciência mais nítida das relações transversais entre as questões, cada uma devendo abordar respetivamente as três dimensões: antropológica, teológica e eclesial.

Comissão 1: Vaticano II: que inspiração para hoje?

A 50 anos de distância do Concílio Vaticano II, que importância deve ser a ele atribuída e que papel pode ele desempenhar

- no plano da promoção da dignidade humana?
- no plano da interpretação do Evangelho?
- no plano da reforma [*renewal*] da Igreja?

Comissão 2: *Designar o momento presente*

Malgrado as poucas reservas, o Vaticano II apoia-se sobre uma visão relativamente positiva das mutações que marcavam o mundo naquela época. Atualmente, temos plena consciência da mudança de contexto (político, económico, cultural, ecle-

sial) e das mutações de fundo ocorridas desde o Concílio. A que discernimento do «momento presente» somos chamados hoje (GS 4 a 11)?

- no plano antropológico;
- no plano teológico (relação ao Evangelho);
- no plano eclesiológico (consequências para o anúncio da fé e para a edificação da Igreja).

Comissão 3: O encontro do Evangelho e da Igreja com o mundo e as culturas

A experiência missionária da Igreja durante os séculos xix e xx conduziu o Vaticano II a reposicionar a nota da catolicidade (ecumenicidade) da Igreja, que doravante habita todas as culturas, autorizando-a a inscrever o Evangelho na pluralidade das culturas do mundo. Como, nessa nova situação, pensar ao mesmo tempo a diversidade e a unidade

- no plano antropológico (a unidade da família humana, a diversidade dos povos e das nações, os sem-voz)?
- no plano teológico (as diversas expressões doutrinárias, teológicas, catequéticas, litúrgicas, e modos de vida e a unidade da Igreja)?
- no plano eclesiológico (a diversidade das formas eclesiais, as interações entre as comunidades e as formas de governo da Igreja que podem proteger as diversidades e promover a unidade)?

Comissão 4: Trabalhar na construção de uma cultura de paz

Num mundo marcado pela guerra fria, pela descolonização e pelas divisões confessionais, o Vaticano II provocou, na sua

época, certos avanços, encorajando a reconciliação e a paz. Em razão das mutações atuais da violência, a que a Igreja está convocada hoje

- no plano antropológico (relação com a criação, rejeição dos pobres, dos emigrantes e dos marginalizados)?
- no plano teológico: a reinterpretação do Evangelho e das escrituras – no contexto de diálogo ecuménico e de encontro entre religiões?
- no plano eclesial: o exercício do poder na Igreja?

Comissão 5: *O serviço da teologia hoje*

A contribuição dos teólogos foi um traço característico do Concílio Vaticano II, uma vez que esse podia apoiar-se em instituições fortes (Universidades Católicas, Faculdades de Teologia e ordens religiosas). 50 anos mais tarde, a teologia encontra-se numa situação de fragilidade e de contestação. Para a fecundidade do serviço da teologia na Igreja e na sociedade, que prática da teologia, por quais sujeitos e em quais instituições

- no plano antropológico, qual é o seu lugar na cultura, dentro da sociedade, na universidade e no seio das ciências?
- no plano teológico, na sua responsabilidade em relação à palavra de Deus e à vida espiritual das comunidades cristãs?
- no plano eclesial, na sua relação ao magistério?

3. A terceira etapa esteve sob a responsabilidade das cinco comissões preparatórias intercontinentais que redigiram os cinco textos propostos no colóquio. O seu trabalho apoiou-se nos vinte textos, preparados durante o pré-colóquio. Sendo

pois, ao mesmo tempo, o resultado das deliberações preparatórias, os cinco textos propostos finalmente ao colóquio trazem evidentemente a marca das comissões que os redigiram com grande cuidado.

O Comité Científico reuniu-se pela terceira vez em Paris, em 2 de março último: ele integrou as poucas emendas chegadas depois da publicação dos cinco textos no *site* da FIUC, propôs aos presidentes das cinco comissões as suas próprias emendas e designou, para cada texto, um segundo *relator* cuja característica principal era não ter participado no processo, precisamente para dar lugar, de imediato, a um olhar externo para os textos propostos. O Comité redigiu igualmente esse texto, ocasião para dar conta dos motivos, do espírito e da história do projeto; preparou também o esquema de uma Declaração final cuja redação caberia a uma Comissão do Colóquio. Sem o acompanhamento vigilante de Dries Bosschaert, de Montserrat Alom Bartroli, responsável pelos projetos do Centro de Coordenação de pesquisa na FIUC, de Valérie Le Chevalier, esta terceira fase e a realização efetiva do colóquio não poderiam ter acontecido.

Que podemos esperar deste encontro provisoriamente final? É a questão que colocámos logo no início do colóquio. Estávamos todos reconhecidos pelo trabalho imenso que foi realizado, em particular pelas primeiras equipas e pelas cinco comissões, mas, sem dúvida, também conscientes dos limites dos nossos textos, de eventuais erros no controlo dos ponteiros dentro do Comité Científico e dos desacordos de fundo que não deixariam de se manifestar. Quando um encontro como este começa, nada está garantido, nenhum jogo decidido – o Concílio Vaticano II terá-nos ensinado; foi preciso, pois, uma vez mais, renovar a confiança no acerto das convicções e da

proposição feita, não sem lembrar a velha «certa regra» que um dos nossos concílios antigos atribuiu às Escrituras neo-testamentárias, estipulando que «quando questões a serem decididas pelas duas partes são colocadas durante discussões comuns (*in communibus disceptationibus*), a luz da verdade expulsa as trevas da mentira» (*Les conciles oecuméniques* [dir. Giuseppe Alberigo], Tome II/1: *Les Décrets. Nicée I à Latran IV*, Le Cerf, Paris, 1994, 242 e seguinte).

*

De 13 a 15 de abril, desenrolou-se o colóquio *Vaticano II: Acontecimento histórico – problemática para hoje. O Evangelho sob o risco das culturas*. Cerca de cem participantes de mais de 25 nacionalidades reuniram-se na casa da Conferência dos Bispos da França, em Paris. O colóquio compunha-se de quatro grandes blocos. Depois da abertura e da palavra de acolhimento, por Pedro Rubens Ferreira Oliveira, presidente da FIUC, uma primeira sessão introdutória, presidida por Mathijs Lamberigts, foi consagrada à fala inaugural: «Vaticano II, problemática histórica e teológica». Christoph Theobald deu uma explicação da origem e do espírito do projeto e lembrou o processo da sua realização. Depois, Gilles Routhier apresentou os objetivos do colóquio, o seu desenrolar e as dinâmicas de trabalho. A sessão, encerrada por Mgr Guy-Réal Thivierge, Secretário-Geral da FIUC e Diretor do CCR, terminou com a apresentação dos 35 membros das diferentes comissões.

A segunda sessão foi centrada nos textos preparados antes do colóquio: depois da apresentação dos textos pelos cinco presidentes das comissões, cinco replicadores, Pierangelo Sequeri, Maria Clara Bingemer, José Tolentino Mendonça, Albert Mundeke Ngeng e Andrés Torres Queiruga, reagiram aos

textos. Seguiu-se o debate em assembleia plenária, com todas as sessões em inglês, francês, espanhol, graças ao serviço de intérpretes. As reações aos textos feitas durante a sessão foram, em seguida, consideradas pelas comissões iniciais, às quais se haviam juntado outros participantes do colóquio, conforme a preferência de cada um. Durante essa terceira sessão, um imenso trabalho coletivo foi realizado nas comissões, enquanto uma comissão suplementar, cujos membros representavam a diversidade dos participantes ao colóquio (intergeracional, internacional...), começava a escrever uma declaração final. Uma vez revistos, todos os textos foram novamente apresentados à assembleia, no decorrer da última sessão do colóquio. Os participantes tiveram então a oportunidade de se pronunciar nas últimas intervenções, que tratavam igualmente da declaração final e da síntese prospectiva dos trabalhos do colóquio.

As quatro sessões de trabalho e colaboração mútua, organizadas com a assistência de Dries Bosschaert, responsável pelo secretariado do Comité Científico, pelo secretariado da revista *Recherches de science religieuse*, pelo secretariado de Projetos do CCR-FIUC e por vários doutorandos, foram enriquecidos pelos tempos de liturgia e pelas noites abertas ao público.

O primeiro dia iniciou-se com uma oração em três línguas, organizada por Erwan Chauty, responsável pelas liturgias do colóquio. Uma liturgia da Palavra, presidida por S. Ex.^a Mgr Georges Pontier, presidente da Conferência dos Bispos da França, inaugurou o segundo dia. Uma celebração eucarística, presidida por Pedro Rubens, acompanhado de Gilles Routhier, Christoph Theobald e Mathijs Lamberigts (que fez a homilia) marcou o terceiro dia.

As noites abertas ao público, precedidas de um bufê ajantado para os participantes do colóquio, eram organizadas

pelas instituições parceiras. No Instituto Católico de Paris – Theologicum (em parceria com o Instituto Saint-Serge) a noite foi consagrada ao tema «Que recursos o Vaticano II oferece hoje para o governo da Igreja e das Igrejas?». No Collège des Bernardins, o tema proposto era: «A dignidade da pessoa: um valor universal?»; o do Centre Sèvres – Faculdades Jesuítas de Paris (em parceria com o Instituto Protestante de Teologia de Paris) era: «Trabalhar, para uma cultura de paz, os recursos do Vaticano II». Na fase pós-colóquio, o Comité Científico finalizou os cinco textos, segundo o mandato que lhe foi dado no último dia do colóquio. Durante três reuniões e em concertação frequente, eles harmonizaram os textos, levando em conta as observações dos participantes.

O Comité Científico

Índice

INTRODUÇÃO	
Motivos, espírito e história do projeto.....	5
Abreviaturas	19
CAPÍTULO I	
Vaticano II : Que inspiração para hoje?.....	21
CAPÍTULO II	
Discernir os sinais dos tempos	59
CAPÍTULO III	
A unidade e a diversidade no encontro do evangelho e da Igreja com o mundo e as culturas.....	95
CAPÍTULO IV	
Trabalhar na construção de uma cultura de paz	119
CAPÍTULO V	
O serviço da teologia hoje	141
CONCLUSÃO	
50 anos depois do Vaticano II: Teólogos e teólogas de todo o mundo discutem o futuro da fé	173
Participantes do processo de discussão	179